

# Faltam mais de 250 enfermeiros no Serviço Regional de Saúde

MARCO LIVRAMENTO  
mlivramento@dnnoticias.pt

As contas foram feitas pela Ordem dos Enfermeiros e pelo Sindicato dos Enfermeiros da Região e baseiam-se nas normas da dotação segura, no sistema de classificação de doentes e no número dos enfermeiros que deverão reformar-se nos próximos tempos. “A curto ou médio prazo é urgente o SESARAM ter um plano faseado e anual de admissão de enfermeiros”, defendem.

Numa reacção à manchete da edição de ontem do DIÁRIO, que dava conta de uma diminuição dos internamentos, em 2021, na ordem dos 40%, ambas as entidades se apressaram a esclarecer que os enfermeiros não tiveram menos trabalho, uma vez que foram alocados a outras funções, nomeadamente na testagem e na vacinação contra a covid-19 ou, até, nas unidades de saúde pública.

Além disso, os responsáveis por estas duas entidades contrapõem os números dos dois últimos anos com a realidade actual, em que a sobrelotação dos serviços evidencia a falta de profissionais, sendo afectados os cuidados prestados aos doentes.

“O que se tem vindo a constatar é que os vários serviços de internamento do Serviço Regional de Saúde, nomeadamente do Hospital Dr. Nélcio Mendonça e do Hospital dos Marmeleiros, estão sobrelotados, com doentes a mais”, refere Juan Carvalho.

O presidente do Sindicato dos Enfermeiros acrescenta que, neste contexto, “as equipas de enfermagem não conseguem dar resposta às necessidades dos doentes”, sobretudo porque, conforme nota, em causa estão pessoas com “altas dependências” e que necessitam da ajuda de um profissional de enfermagem para quase todas as suas acções.

## Covid-19 esbate “alívio” dessa diminuição

Opinião semelhante tem Nuno Neves, ainda que o presidente do Conselho Directivo Regional da Madeira da Ordem dos Enfermeiros aponte que “pese embora esses sejam números relevantes, na prática do dia-a-dia nós não sentimos esse alívio, bem pelo contrário”.

O enfermeiro aponta que muita da actuação diária desta classe profissional “passou a estar voltada para a covid-19”. E dá como exemplo a afectação de recursos ao sistema de testagem montado nos aeroportos da Região.

Concretamente, sobre a redução



Com dois enfermeiros inscritos no Instituto de Emprego, trata-se de uma profissão com emprego pleno. FOTO ARQUIVO

do número de internamentos, aspecto aferido pelas equipas dos diferentes serviços, o representante regional da Ordem nota que essa situação é uma “consequência da diminuição das idas aos serviços de urgência e alguns atrasos nos exames de diagnóstico e, por conseguinte, no próprio diagnóstico”. Por conseguinte, “a partir do momento em que existe menos gente a entrar no sistema, isso vai se repercutir na lotação dos serviços”.

## Situação inversa vivida nos primeiros meses deste ano

Pelo contrário, nos primeiros meses deste ano, a ocupação dos serviços tem vindo a crescer, chegando mesmo, em alguns casos, a evidenciar sobrelotação. “Constata-se que, nos anos covid, houve uma redução dos internamentos. Neste momento, o que se verifica é já um processo contrário”, refere o responsável do sindicato.

“O que se tem vindo a constatar é que os vários serviços de interna-

## DE DESOCUPADOS A SOBRELOTADOS, OS SERVIÇOS DE SAÚDE TÊM FALTA DE PROFISSIONAIS

mento do Serviço Regional de Saúde, nomeadamente nos hospitais Dr. Nélcio Mendonça e dos Marmeleiros, estão sobrelotados, com doentes a mais”, diz Juan Carvalho.

Neste contexto, “as equipas de enfermagem não conseguem dar resposta às necessidades dos doentes”, sobretudo porque, segundo aponta o sindicalista, em causa estão pessoas com “altas dependências”, que necessitam da ajuda de um profissional de enfermagem para quase todas as suas acções.

Como consequência, há enfermeiros com regime de horário acrescido, que cumprem mais de

que 35 horas semanais. Os profissionais dizem-se “extremamente cansados” e “sem mãos a medir”, com “equipas pequenas para dar resposta a grandes necessidades”. Juan Carvalho adianta que, agora, o número total de doentes é semelhante ao período pré-covid, mas com uma carga de trabalho “muito superior”. Num cenário destes, “as necessidades destes utentes são grandes, pelo que os enfermeiros existentes são poucos para dar resposta a estas solicitações”, adianta.

“E o problema não é dos utentes”, que perante problemas de saúde têm de recorrer aos serviços, apontando, também, que estão por resolver os casos de “internamentos problemáticos”.

Nuno Neves, por seu lado, não tem dúvidas de que os indicadores de 2022 serão bastante diferentes dos de 2021, no que toca aos internamentos e à actividade de saúde no geral.

A situação actual só não é mais grave porque alguns serviços alocados

à covid-19 têm sido ‘desmantelados’ e os profissionais a eles afectos reconduzidos para os serviços de origem e “isso faz com que haja outra capacidade de resposta”.

## Contratação deve continuar e de forma planeada

Perante a actual situação, ambos os enfermeiros ouvidos pelo DIÁRIO entendem que a contratação de mais profissionais de saúde, nomeadamente enfermeiros, mais não fosse pelo envelhecimento da população e a carga sobre os serviços de saúde que tal cenário representa.

A admissão de novos profissionais deve ser, por isso, contínua e bem planeada, pois a Madeira, embora esteja ao nível do país no rácio de enfermeiros, continua abaixo do indicador de referência da OCDE.

No período pré-covid, entre 2014 e 2019, foram admitidos cerca de 400 enfermeiros, que, segundo Juan Carvalho, vieram colmatar as faltas geradas ao longo dos anos da crise anterior, em que os serviços ficaram impossibilitados de admitir novos profissionais. “Essas contratações serviram para repor essas carências que já vinham de trás”, nota.

A par disso, o presidente do Sindicato dos Enfermeiros lembra que, em Julho do ano passado, por ocasião das cerimónias de conclusão de curso de três dezenas de enfermeiros, na Escola Superior de Enfermagem S. José de Cluny, o secretário regional de Saúde e Protecção Civil deu a garantia da abertura de um concurso para admissão de alguns desses profissionais no sector público, mas, passado quase um ano, “esse procedimento concursal ainda não abriu”, constata com lamento.

“Resta saber se a Região tem, neste momento, enfermeiros suficientes para dar resposta às necessidades existentes”, salienta, face ao quase emprego pleno da profissão, já que o sector privado e o social reforçaram as suas equipas com a pandemia.

Conforme o DIÁRIO apurou, actualmente estão inscritos no Instituto de Emprego apenas dois enfermeiros. Mas, “o facto de não termos enfermeiros no desemprego não pode ser argumento para não se contratar, pois as necessidades nos serviços existem”, remata Nuno Neves, não colocando de parte a possibilidade de a Madeira ter de contratar enfermeiros no estrangeiro. A data, ambos apontam para a necessidade de 250 a 300 enfermeiros nos serviços de saúde públicos da RAM.

## MÉDICOS PEDEM PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO

■ O DIÁRIO tentou obter uma reacção da classe médica, através do Conselho Médico da Região Autónoma da Madeira e dos dois sindicatos destes profissionais que têm representação na Madeira, mas, apesar dos nossos esforços e contactos, apenas foi possível uma posição por parte do Sindicato dos Médicos da

Zona Sul, que na ocasião, através de Hugo Esteves, vice-presidente daquela estrutura sindical, deu conta da necessidade de recuperar as situações que ‘escaparam’ ao tratamento nos últimos dois anos.

“Houve uma diminuição da casuística dos serviços hospitalares”, refere, sendo necessário “uma recuperação

das situações que não obtiveram resposta no período da pandemia”. Além disso, “temos de fazer um esforço maior em recuperar listas de espera, porque as situações existiram, apenas não foram tratadas”. O médico mostra-se preocupado face à inexistência de um plano de recuperação dessas situações.